

O ANJO EXTERMINADOR

um filme de Luis Buñuel

com Silvia Pinal, Enrique Rambal, Jacqueline Andere, Enrique Rambal, José Baviera, Augusto Benedicto, Luis Beristáin, Antonio Bravo, Claudio Brook

Cópia Digital Restaurada | Estreia comercial em Portugal

El ángel exterminador | México, 1962 – 1h35 | M/12

Depois de um jantar de cerimónia, um grupo de respeitáveis burgueses fica retido em casa de um deles. Por uma razão qualquer, só os criados conseguem atravessar a porta da sala de jantar. Depressa se resignam ao enclausuramento e, pouco a pouco, vão-se submetendo a uma promiscuidade completamente estranha aos seus hábitos. O ambiente deteriora-se e a selvajaria aparece. Quando finalmente se libertam, vão a uma missa para agradecerem a Deus. Mas no fim da missa, o padre não consegue atravessar o limiar da sacristia.

EL ÁNGEL EXTERMINADOR

Por vezes arrependo-me de ter rodado *El Ángel Exterminador* no México. Imaginava-o mais em Paris ou Londres, com actores europeus e um certo luxo no guarda-roupa e nos adereços. Na Cidade do México, apesar da beleza da casa, apesar dos esforços que fiz para escolher actores cujas características físicas não evocassem necessariamente o México, tive que aceitar uma certa pobreza devido à fraca qualidade das toalhas de mesa, por exemplo: só pude mostrar uma, que ainda por cima tive de pedir emprestada à maquilhadora.

O argumento, inteiramente original como o de *Viridiana*, consistia num grupo de pessoas que uma noite, depois de uma representação teatral, vão cear a casa de um deles. Depois da refeição, passam para o salão do qual não podem sair por um motivo desconhecido. O filme começou por chamar-se *Os Naufragados da Rua da Providência*. Mas no ano anterior, em Madrid, José Bergamín falara-me de uma peça de teatro à qual queria chamar *El Ángel Exterminador*. Achei aquele título magnífico e disse-lhe: — Se vejo esse título num cartaz, entro logo na sala.

Escrevi-lhe do México para saber da peça dele — e do título. Ele respondeu que a peça não estava escrita e que de qualquer forma o título não era dele, estava no *Apocalipse*. Disse-me que não havia qualquer problema, que eu podia ficar com ele. Foi o que fiz, depois de lhe agradecer.

Num grande jantar em Nova Iorque, a dona da casa tinha pensado mandar executar brincadeiras para surpreender e divertir os convidados. Por exemplo, o empregado que se estatela com o tabuleiro nas mãos é um pormenor verídico. Acontece que no filme os convidados não acham muita piada. A dona da casa preparou outra brincadeira com um urso e duas ovelhas, mas nunca saberemos em que consistia — o que não impediu que alguns críticos, fanáticos por simbolismo, vissem no urso o bolchevismo à espreita da sociedade capitalista paralisada pelas suas contradições.

Na vida real como nos meus filmes, sempre me senti atraído pelas coisas que se repetem. Não sei porquê e não tento explicá-lo. Há pelo menos uma dezena de repetições em *El Ángel Exterminador*. Vêem-se por exemplo dois homens a serem apresentados e que se apertam a mão dizendo: “Muito prazer”. No instante seguinte, voltam a cruzar-se e apresentam-se novamente como se não se conhecessem. Por fim, encontram-se uma terceira vez e cumprimentam-se muito calorosamente, como se fossem amigos de longa data.

Por duas vezes também, mas sob ângulos diferentes, pode ver-se os convidados entrarem no *hall* e o anfitrião a chamar pelo mordomo. Quando o filme foi montado, Figueroa, o director de fotografia, chamou-me à parte e disse: — Luis, aconteceu uma coisa muito grave. — O que foi? — O plano em que eles entram na casa foi montado duas vezes.

Como pode ter pensado por um segundo que fosse, ele que filmara os dois planos, que um erro tão grande poderia ter escapado ao montador e a mim?

No México, as pessoas acharam que o trabalho dos actores era mau. Não creio. Os actores não são de primeira ordem mas no conjunto parecem-me bastante bons. Aliás, não creio que se possa dizer de um filme que é interessante e que os actores não estão bem.

El Ángel Exterminador é um dos meus poucos filmes que voltei a ver. Lamento as insuficiências de que falei e o pouco tempo que tive para o filmar. Vejo nele um grupo de pessoas que não consegue fazer o que quer: sair de uma sala. Isto acontece amiúde nos meus filmes. Em *L'Âge d'or* trata-se de um casal que se quer juntar e não consegue. Em *Este Oscuro Objecto do Desejo*, está-se perante o desejo sexual que nunca é satisfeito de um homem em pleno envelhecimento. *Archibaldo de la Cruz* tenta matar, em vão. As personagens do *Charme Discreto* fazem tudo para jantar na companhia umas das outras, e não conseguem. Talvez se possam encontrar outros exemplos.

Luis Buñuel, *O Meu Último Suspiro*, Ed. Fenda, Lisboa, 2006



Barreira invisível

A casa fica na Calle de la Providencia, a Rua da Providência. Mas é uma providência mais demoníaca do que divina. Em vez de estarem sujeitas a uma força benigna e metafísica, as personagens de *O Anjo Exterminador* dependem de si mesmas, das suas próprias forças e fraquezas quase inteiramente malignas.

O Anjo Exterminador (1962) é o meu Buñuel favorito. Há quem prefira os inícios experimentais surrealistas ou as obras europeias finais, e tudo isso é fabuloso, mas nenhuma dessas fases diminui o espantoso Buñuel mexicano (1947-1964). Imaginem uma telenovela escrita por um génio perverso, e ficam com uma ideia. Buñuel pegou em melodramas convencionais e farfalhudos e tornou-os acutilantes e degenerados, inesquecíveis. O que eu gosto de *Susana* (1951), *El* (1953), *Ensaio de Um Crime* (1955), *Nazarín* (1958) ou *Simão do Deserto* (1964), cinema de cordel que é também cinema mordaz e anarquista.

O Anjo Exterminador é talvez o melhor Buñuel dessa época, em parte porque contou com um produtor, Gustavo Alatriste, que deu ao cineasta os meios suficientes e total liberdade criativa. O conceito central conta-se numa frase: um grupo de convivas que não consegue sair de uma casa. Não há explicações, nem alegorias, nem uma progressão narrativa clássica, às vezes nem “cenas” propriamente ditas, apenas uma sucessão de imagens densamente alusivas, oníricas, mais diálogos absurdos, divertidos e agrestes, e uma gloriosa verrina social.



Os vinte mexicanos da boa sociedade, eles de *smoking* e chapéu alto, elas de vestido comprido e estola, vão cear a um palacete depois de uma noite na ópera. É um grupo heterogéneo, sem protagonistas nem secundários: há um militar, uma cantora lírica, um homossexual, um casal de noivos, um médico, um maestro, uma doente cancerosa, vários maçons. E há uma viragem (alguém comenta: “talvez seja uma perversão”). A noite começa normalmente, com um lauto banquete e conversa de sociedade. E quando a anfitriã, referindo-se à ceia, alerta para uma inversão da “ordem natural do menu”, ainda nem sabemos o que nos espera.

[...]

Na sua autobiografia, Buñuel recusou qualquer simbolismo e disse que *O Anjo Exterminador* é apenas uma variação sobre o seu tema favorito: a “impossibilidade de satisfazer um desejo”. O desejo é sair daquela casa: mas ninguém consegue sair, e lá de fora também ninguém consegue entrar, pelo que o palacete se torna uma terra de ninguém, com vinte pessoas em estado de acelerada decomposição social.

Pedro Mexia, *Cinemateca*, Ed. Tinta da China, 2013 [excerto]

El Ángel é uma recapitulação genial de toda a obra de Buñuel, podendo-se estabelecer nele um inventário de todos os seus filmes (ou, pelo menos, dos que como tais reconheceu), através da sua portentosa galeria de personagens e situações que ecoam sempre outras já vividas. Essa fundamental figura de repetição (tão cara aos surrealistas) não é, aliás, exclusivamente centrada em filmes anteriores. O próprio filme a utiliza constantemente, de forma mais paradoxal.

João Bénard da Costa, *As Folhas da Cinemateca*, Luis Buñuel